RELATÓRIO GERENCIAL **NOV | 2025**

SNID11

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

CNPJ

48.969.881/0001-80

INÍCIO DO FUNDO

DEZEMBRO/2022

ADMINISTRADOR

BTG PACTUAL SERVIÇOS FINANCEIROS S.A. DTVM

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,10% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,85% A.A

TAXA DE PERFORMANCE

N/A

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

O Suno Infra (SNID11) é um Fi-Infra, um produto de renda variável que investe em ativos de renda fixa (debêntures), em sua maioria debentures incentivadas (títulos de renda fixa emitidos por empresas que realizam projetos de infraestrutura). Tais debentures assim como os fundos são regidas pela lei 12.431/11, que garante a ambos a isenção total de imposto, ou seja, isenção tanto nos rendimento quanto no ganho de capital. Apesar dos ativos que o SNID possui não serem todos indexados ao CDI, a gestão utiliza derivativos de forma a realizar o swap de indexador, passando a indexar as debêntures em carteira ao CDI, oferecendo um produto com menor volatilidade patrimonial e maior previsibilidade de rendimentos.

SUMÁRIO

INDICADORES 3

DESTAQUES DO PERÍODO 3

CARTA DO GESTOR 4

CENÁRIO MACROECONÔMICO 7

PERFORMANCE/DESEMPENHO 17

GUIDANCE 22

CARTEIRA 23

ALOCAÇÕES 26

DETALHAMENTO DOS PRINCIPAIS ATIVOS 29

INDICADORES

R$ 0,13 Distribuição por cota	13,13% *Dividend Yield* (12 meses)*	15,53% *Dividend Yield* Anualizado
R$ 10,36 Cota Patrimonial*	R$ 10,74 Cota Fechamento (Mercado)*	1,04 P/VP*
R$ 74,72 mi Patrimônio Líquido*	R$ 115 mil Volume diário médio (novembro)	9.184 Número de cotistas*
CDI + 2,24% Carrego do fundo	4,7 anos Duration da carteira	7.203.840 Número de cotas

DESTAQUES DO PERÍODO

Em dezembro, o fundo anunciou a **distribuição de R$ 0,13 por cota**, pelo segundo mês consecutivo, e de acordo com o teto do guidance de distribuição.

Gestão de carteira: a gestão realizou a **venda de R$ 1,0 mi** na debênture da AES Tucano (**TCII11**), a uma taxa de **NTN-B – 0,05%.** Além disso, foi realizada a **redução parcial da alavancagem do fundo para 0,9% do PL, cujo custo gira em torno de CDI + 0,8%**.

Redução do hedge: ao longo do mês de novembro, a gestão decidiu por **reduzir em cerca de 15% o hedge da carteira**, por entendermos que no atual cenário, a curva de juros real está em patamares historicamente elevados.

*Fechamento 28/11
**Gross-up: é a inserção da alíquota de imposto (IR) em produtos que oferecem isenção tributária, usado para demonstrar qual teria que ser o retorno necessário de produto não isento para se igualar a rentabilidade de um produto isento. A alíquota de IR varia de 22,5% a 15%, conforme o tempo investido no produto.

CARTA DO GESTOR

A taxa Selic fechou o mês de novembro em 15,00%, com expectativas de mercado indicando a manutenção desse patamar até o final do ano cortes no primeiro semestre de 2026. Os relatórios de inflação no mês ficaram abaixo do estimado pelo mercado, continuando uma trajetória de queda em rumo à convergência para a meta até o final do ano. Esse é o movimento que justifica o início de corte iniciando na reunião de março de 2026. Dessa forma entendemos que há uma possibilidade significativa do primeiro corte de juros, que deve ser de 25 pontos base no mês de março.

Mercado de Crédito

Em novembro, as curvas reais (NTN-B) permaneceram elevadas. Apesar do fechamento no mês, a maior parte da curva ainda permanece acima de 7,30%. Ainda consideramos um patamar elevado, que historicamente resulta em uma performance positiva frente a outros indexadores, porém o fechamento só deve vir com uma melhora do cenário fiscal, ou maior visibilidade do cenário político de 2026.

Gestão de Carteira

No mês, realizamos a venda de R$ 1,0 mi de AES Tucano (TCII11), a uma taxa de NTN-B – 0,05%. Com essa venda, a exposição no emissor foi reduzida para 1,5%, do fundo, essa redução foi motivada pelo pagamento de parte da compromissada que o fundo carregava, a um custo de CDI + 0,80%, por entendermos que está é a melhor alocação de capital nesse momento de mercado. Nesse momento em que o mercado de debêntures incentivadas está com um prêmio de risco ainda baixo, a gestão tem buscado operações estruturadas para a alocação e giro de ativos da carteira, que devem ser realizadas ao longo do mês de dezembro.

Redução do Hedge

No relatório do mês de outubro, a gestão mencionou a possibilidade de redução do hedge da carteira, o que ocorreu durante novembro, mas de forma moderada, através de uma maior exposição a curva real de juros.

O que não muda no SNID11

Abordando o que pode ser o ponto mais sensível dos cotistas, o SNID continuará apurando o carrego totalmente atrelado ao CDI, pois entendemos que a exposição a curva real de juros, mesmo que malsucedida não irá detrair o resultado do fundo a ponto de consumir toda a reserva gerada pelo ganho de capital que o fundo carrega no VP. Sendo assim, estamos seguros de que o fundo tem espaço para manter uma distribuição alinhada ao carrego do CDI, em parte exposto ao IPCA e curva real de juros. Do lado positivo, acreditamos fortemente, que a estratégia contribuirá com ganhos para o VP do fundo, o que, futuramente, deverá retornar como rendimentos aos cotistas. É importante destacar também que esta é uma posição tática que a gestão tomou. Ou seja, na medida em que a assimetria da precificação da curva real for sendo corrigida, o hedge volta a ser realizado.

Outro fator que não muda é a qualidade de crédito da carteira, que permanecerá a mesma, pois a carteira de debentures permanece a mesma. O que muda para o cotista é apenas uma menor exposição aos derivativos de IPCA (DAPs), que foi reduzido em vértices específicos da curva real. Um percentual pequeno da carteira é composto também por debentures que remuneram através de juros pré-fixados. Para esses papéis, não desfizemos o hedge.

O que muda no SNID11

Com uma exposição à curva real de juros, além da duration do spread de crédito, o fundo vai passar a ter uma duration de mercado, na prática isso significa uma volatilidade patrimonial maior, tanto positiva quanto negativa, mas acreditamos que não a ponto de afetar o padrão de distribuição de rendimento para o 1° semestre de 2026. Do lado positivo, com menos hedge em carteira, essa exposição a duration de mercado reduz o impacto no VP do fundo em caso de abertura dos spreads de crédito, ocasionados por fechamento de taxa das B mais rápido do que o fechamento da taxa indicativa do papel.

Qual a tese que sustenta essa mudança

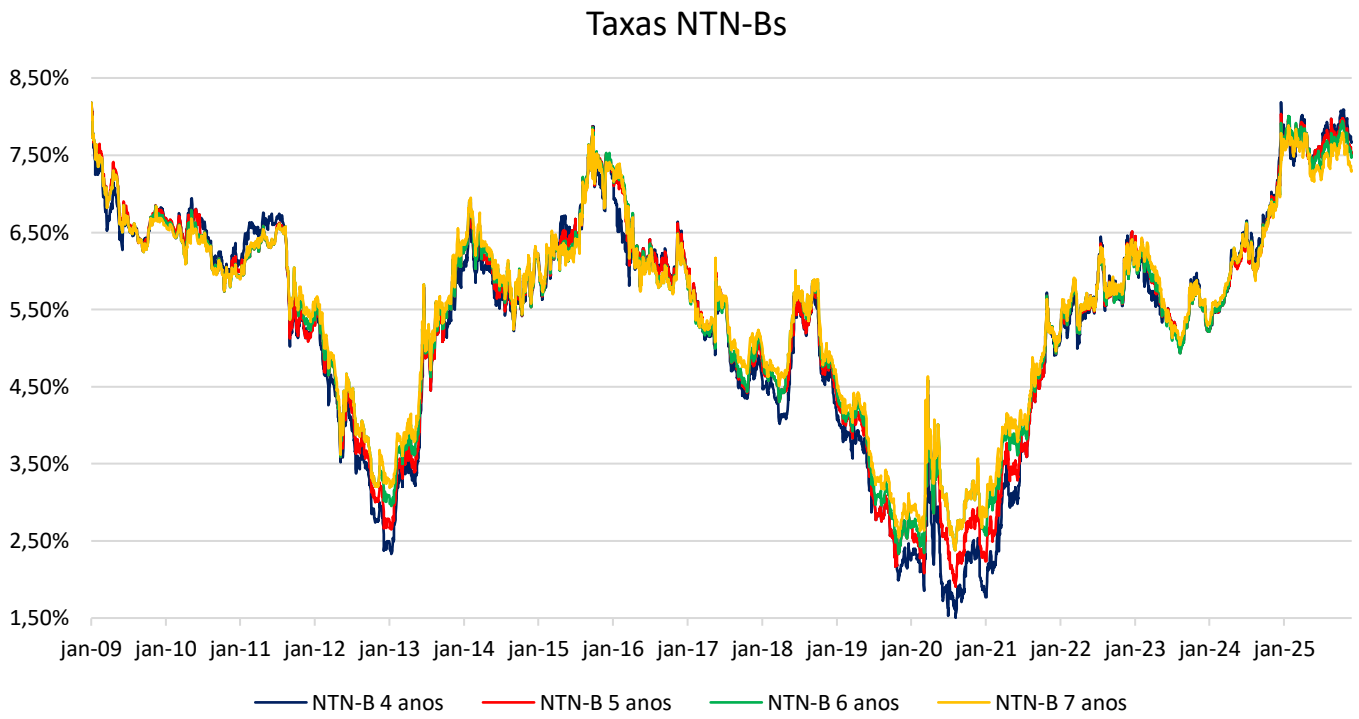
Desde o início do SNID, a componente de DAP contribuiu positivamente de forma considerável, em razão da abertura da curva de juros, fazendo com que o fundo conseguisse surfar o fechamento dos spreads de crédito das debêntures incentivadas e o carrego do CDI. Porém, dado o atual cenário entendemos que uma exposição parcial a curva de juros real pode proteger o fundo em alguns cenários específicos, além de possibilitar retornos adicionais ao fundo, sem expor os cotistas a riscos extremos.

Alocação do Mercado: apesar do mercado de Títulos Públicos Federais ser relevante para o mercado brasileiro, os principais alocadores institucionais tem evitado a alocação em ativos que tenha exposição ao risco brasileiro, devido a receios com a volatilidade política e fiscal desafiadora do Brasil.

Contudo, o atual patamar de juros na curva demonstra alguma segurança frente aos níveis históricos, que podem permanecer elevados ao longo de 2026, isso afugenta os alocadores institucionais que, com o CDI a quase 15% a.a., são pressionados a performarem no curto prazo com o menor risco possível para não perderam para o seu benchmark. Mas com um cenário de corte de juros se aproximando, essa pressão por performance no curto prazo pode diminuir, favorecendo a tomada de risco, apesar dos riscos ficais e políticos. Dessa forma, em um cenário positivo, com tomada de risco, os Títulos Públicos Federais longos devem performar acima das debêntures incentivadas, o que significa na abertura de spreads de crédito, e com uma redução do DAP entendemos estar reduzindo a exposição de nossos cotistas a perdas extraordinárias nesse cenário.

Patamar Historicamente Elevado: Além disso, como podemos notar nos gráficos abaixo, os juros reais das NTN-Bs com duration entre 4 e 7 anos estão em patamares consideravelmente elevados, em relação ao histórico, apesar do cenário fiscal e político justificar em parte esse nível de juros atual.

Esse tipo de situação não é novidade para a realidade brasileira, porém hoje a curva de juros se encontra tão estressada como em momento como o pré-impeachment da Dilma e pós crise de 2008, ambos cenários mais desafiadores do que a conjuntura atual.



Elaboração: Suno Asset

Exposição a tese: apesar de considerarmos uma tese sólida e com boas oportunidades de ganho, limitamos a exposição inicial da operação em uma exposição de 15% do PL exposto a curva de juros reais, pois uma exposição muito superior colocaria em risco a forma de distribuição que a gestão adota, e com essa exposição, pelo downside, não vemos uma abertura ainda maior das NTN-Bs comprometendo além da reserva de lucros acumulada no fundo.

Equipe de Gestão, SUNO ASSET.

CENÁRIO MACROECONÔMICO

Fed Sem Direção, Mercados Sensíveis: O Que Esperar do Cenário Global e do Brasil nos próximos meses

A carta do economista deste mês explora os temas que têm ocupado nossas reflexões internas.

Editorial

Nos EUA, o banco central, o Federal Reserve, encerra 2025 enfrentando um de seus períodos mais desafiadores desde a pandemia. A instituição opera sob o duplo mandato, equilibrando pleno emprego e estabilidade de preços, mas este ano esses objetivos caminharam em direções opostas: inflação resiliente em torno de 3% conviveu com uma desaceleração nítida do mercado de trabalho, marcada por revisões negativas significativas nos dados do *Payroll*.

Nesse contexto, a estratégia inicial do Fed de *data dependence* – decisão orientada pelos dados – parecia apropriada. Em um ambiente de incertezas elevadas, amplificadas pelos choques tarifários, reagir aos dados era uma postura prudente. Mas essa postura exige uma narrativa clara, capaz de orientar como o Comitê interpreta os dados. Sem isso, a estratégia se torna difusa.

Ao longo dos meses, sinais de enfraquecimento do emprego passaram a pesar mais no balanço de riscos. O presidente do Fed, Jerome Powell, reconheceu esse deslocamento ao afirmar que *"a fraqueza do mercado de trabalho passou a pesar mais do que a inflação persistente"*. No entanto, o problema não foi a revisão do diagnóstico e sim como ela ocorreu, sem coordenação discursiva e sem uma diretriz conjunta sobre o caminho da política monetária.

Essa ambiguidade cresceu com o *shutdown*, que interrompeu a divulgação de indicadores essenciais. Criou-se o paradoxo: o Fed dizia depender dos dados, mas os dados não estavam disponíveis. **Nesse vácuo e sem um direcionamento mais contundente, declarações individuais dos diretores do banco central norte-americano passaram a substituir a mensagem institucional, amplificando ruídos e volatilidade.**

A comunicação do Comitê fragmentou-se, revelando três grupos distintos:

- Dovish, defensores de cortes diante da perda de fôlego do emprego.
- Hawkish, insistindo nos riscos da inflação acima da meta.
- Indecisos/data dependent, cuja comunicação oscilou entre admitir cortes e/ou dizer que "ainda não há decisão".

Esse cenário ficou evidente com dois episódios emblemáticos. No início de novembro, a diretora Lisa Cook, afirmou estar "genuinamente indecisa" sobre cortar juros em dezembro. No final de novembro,

John Williams, presidente do Fed de Nova York, declarou que os juros "poderiam cair sem colocar em risco a meta de inflação", desencadeando uma reprecificação pelo mercado de expectativa de manutenção da taxa nos patamares atuais, 3,75% a.a. e 4,00% a.a., para um salto imediato da probabilidade de corte de 50,4% para 86,9%.

Esses movimentos não refletiram mudanças estruturais na economia, mas falas isoladas. Essa é a nossa maior crítica: o Fed está se comunicando de forma inadequada. Ao permitir que discursos individuais moldem expectativas, o Comitê abriu espaço para volatilidade desnecessária, interpretações divergentes e expectativas frágeis.

Em novembro, o mercado tentou antecipar como cada diretor indeciso votaria, porque não existe uma mensagem coordenada que sintetize a visão do Comitê. **O problema é que isso cria o maior risco de todos: quebra de expectativas.** O mercado precificou um corte em dezembro; se ele não viesse, o realinhamento da curva de juros poderia ser abrupto e potencialmente desordenado.

Esse diagnóstico é amplamente confirmado pela literatura. Blinder et al. (2008) mostram que a comunicação é um instrumento essencial da política monetária, capaz de mover mercados e ancorar expectativas — mas alertam que mensagens excessivas ou conflitantes reduzem sua eficácia. Evidências do BIS (2024) indicam que o tom da comunicação oficial do Fed não atua diretamente nas famílias, mas sim, influencia as expectativas de inflação destas através da cobertura da mídia. E, de forma complementar, Deng, Xu e Tang (2024) demonstram que nuances no tom do discurso do presidente do Fed afetam de maneira estatisticamente significativa tanto as taxas de juros quanto os preços de ativos.

Além disso, 2025 foi marcado por ruídos políticos. A administração Trump criticou publicamente a política monetária, questionou diretores e chegou a discutir a demissão de Lisa Cook, além de antecipar debates sobre a escolha do próximo presidente do Fed. **Como alerta Rogoff (1985), interferência política ameaça credibilidade e eleva prêmios de risco — dinâmica que se manifestou ao longo do ano.**

Nesse contexto de fragmentação interna e ruído político, estudos ressaltam: clareza, consistência e coordenação são fundamentais para reduzir volatilidade. O FOMC se afastou dessas diretrizes essenciais.

Diferentemente do Federal Reserve, o Banco Central do Brasil (BC) vem adotando, desde a pandemia, uma postura mais coerente, técnica e alinhada ao diagnóstico real da economia. Enquanto o Fed demorou a reconhecer que a inflação após a pandemia não seria apenas "transitória", mantendo esse discurso por meses e ficando atrás da curva, a autoridade monetária brasileira identificou mais cedo os riscos de desancoragem das expectativas e iniciou rapidamente o ciclo de alta de juros.

Em 2025, apesar dos ruídos iniciais, como a indicação de Gabriel Galípolo para a presidência do BC, que gerou questionamentos sobre independência, a prática rapidamente se impôs. A gestão Galípolo demonstrou postura técnica, comunicação firme e boa condução da crise do Banco Master, reforçando a credibilidade da instituição.

Os demais diretores também mantiveram uma comunicação coesa e previsível. É essa coerência acumulada desde a pandemia que sustenta a atuação do BC em 2024–2025. Nas últimas reuniões, o Copom reforçou consistentemente:

- Cenário global segue incerto, que exige prudência.
- Preocupação com a desancoragem das expectativas de inflação em relação à meta.
- Dinamismo do mercado de trabalho e pressão sobre preços.
- Necessidade de manter juros em patamar contracionista por período bastante prolongado.
- Disposição explícita de retomar o ciclo de alta, se necessário.

Essa disciplina comunicacional ajuda a explicar por que o Brasil preservou credibilidade, mesmo diante de pressões políticas internas. Enquanto isso, o Federal Reserve — marcado por ambiguidade entre diretores, falta de coordenação institucional e mensagens conflitantes — tem contribuído para volatilidade adicional nos mercados globais.

Cenário Global

Com o fim do ano, voltamos nossa atenção para 2026. Nossa avaliação para o cenário global é a de uma transição clara: abandonamos um 2025 marcado pela perda de dinamismo e por elevada incerteza, e avançamos para um 2026 que tende a apresentar maior estabilidade — ainda que distante do ritmo observado no período pré-pandemia.

A desaceleração deste ano não foi casual. Ela reflete os efeitos cumulativos das políticas monetárias restritivas implementadas desde 2022, do ambiente geoeconômico mais nebuloso e da intensificação das barreiras comerciais entre as principais economias.

Para o próximo ano, projetamos uma retomada moderada do crescimento, apoiada no alívio gradual das tarifas, na adaptação das economias ao novo ambiente comercial, na continuidade da desinflação — como ilustrado na tabela a seguir com as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) — e na perspectiva de juros menos restritivos em diversas regiões. Ainda assim, em algumas economias avançadas, a inflação seguirá um pouco acima das metas.

Inflação – Projeção FMI (Var. Anual, %)

Inflação	2024	2025*	2026*	Tendência
Mundo	5,8%	4,2%	3,7%	▼
Economias Avançadas	2,6%	2,5%	2,2%	▼
EUA	3,0%	2,7%	2,4%	▼
Zona do Euro	2,4%	2,1%	1,9%	▼
Alemanha	2,5%	2,1%	1,8%	▼
Economias Emergentes	7,9%	5,3%	4,7%	▼
China	0,2%	0,0%	0,7%	▲
Índia	4,6%	2,8%	4,0%	▲
México	4,7%	3,9%	3,3%	▼
Brasil	4,4%	5,2%	4,0%	▼

**Projeção e Fonte: FMI / Elaboração: Suno Asset*

Essa trajetória, porém, convive com riscos importantes. As tensões comerciais seguem no horizonte e o avanço de políticas industriais protecionistas pode limitar o crescimento. O elevado endividamento público também pode ser um fator de risco, enquanto choques geopolíticos, especialmente no Oriente Médio e China–Taiwan, continuam sendo potenciais fontes de volatilidade e pressão sobre preços.

Assim, embora 2026 sinalize um ambiente mais favorável que 2025, trata-se de uma melhora gradual, condicionada a fatores que ainda exigem monitoramento atento e uma dose necessária de prudência.

Cenário Estados Unidos

Em novembro, os Estados Unidos voltaram a mostrar a combinação que tem marcado 2025: atividade econômica resiliente, inflação ainda acima da meta e sinais crescentes de moderação no mercado de trabalho. Os indicadores alternativos reforçam essa leitura.

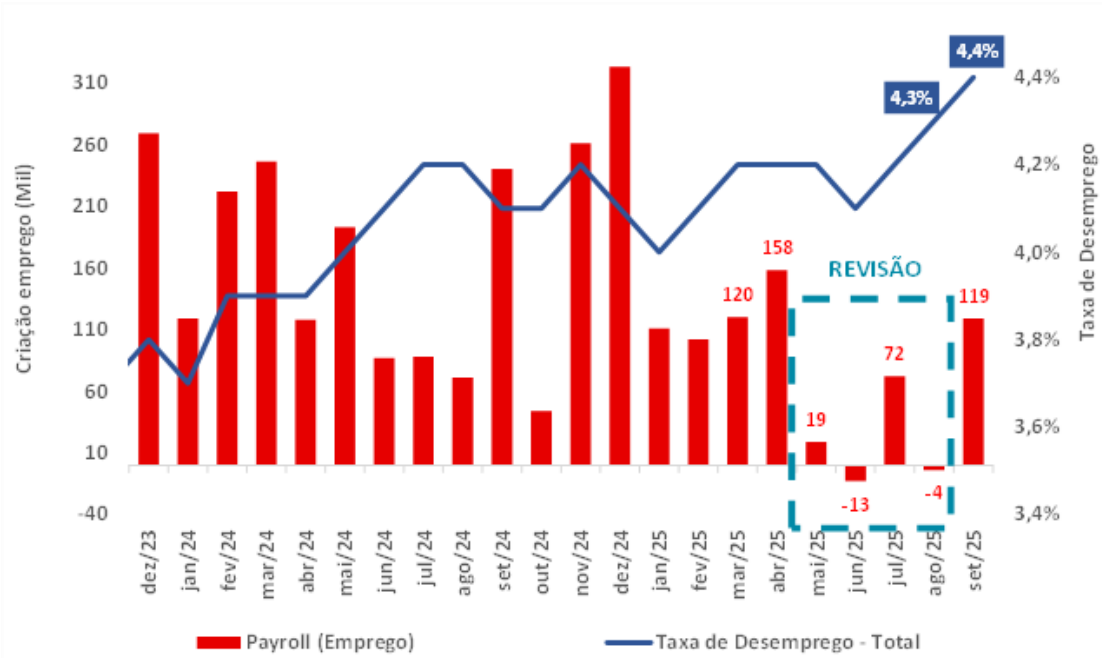
O *GDPNow* do Fed de Atlanta aponta crescimento anualizado de 3,9% no 3T25, enquanto o *Weekly Economic Index*, do Fed de Dallas, estabilizou-se em 2,1%, sugerindo que a economia manteve um ritmo firme ao longo das últimas semanas. O consumo segue como pilar importante: o índice de varejo *Redbook Retail* Sales avança cerca de 6% interanual, e o ISM de Serviços permanece em território expansionista, refletindo demanda sólida por serviços e a resiliência do consumo das famílias.

Em relação à inflação, o *Bureau of Labor Statistics* (BLS) retomou a divulgação dos dados após o *shutdown*, confirmando que tanto o índice cheio do CPI quanto o núcleo seguem próximos de 3,0%, 50% ainda acima da meta de 2%. **Esse patamar segue desconfortável para parte dos diretores do Fed, sobretudo porque não está claro se o impacto das tarifas impostas ao longo de 2025 será transitório ou se deixará pressões mais persistentes nos próximos meses.**

A escassez de informações detalhadas após o *shutdown* dificulta esse diagnóstico, levando analistas e formuladores de política a dependerem de indicadores alternativos — que, por ora, apontam uma inflação estável, porém firme. Alguns itens específicos, como café e carne, registraram altas relevantes, refletindo distorções geradas pelas tarifas aplicadas sobre produtos que os EUA não produzem internamente. Esse fator explica a recente reversão dessas alíquotas pelo governo americano. **Um ponto positivo é o comportamento das empresas, que continuam absorvendo parte dos custos para preservar competitividade, suavizando repasses e ajudando a conter a inflação no curto prazo.**

No mercado de trabalho, os dados de novembro exibiram um quadro misto. A criação de 119 mil vagas não-agrícolas superou as expectativas, mas veio acompanhada de uma revisão negativa de 33 mil vagas entre julho e agosto. A taxa de desemprego subiu de 4,3% para 4,4%, e o crescimento dos salários continuou moderando. Ambos descritos na ilustração a seguir.

Criação de Vagas e Taxa de Desemprego (%)



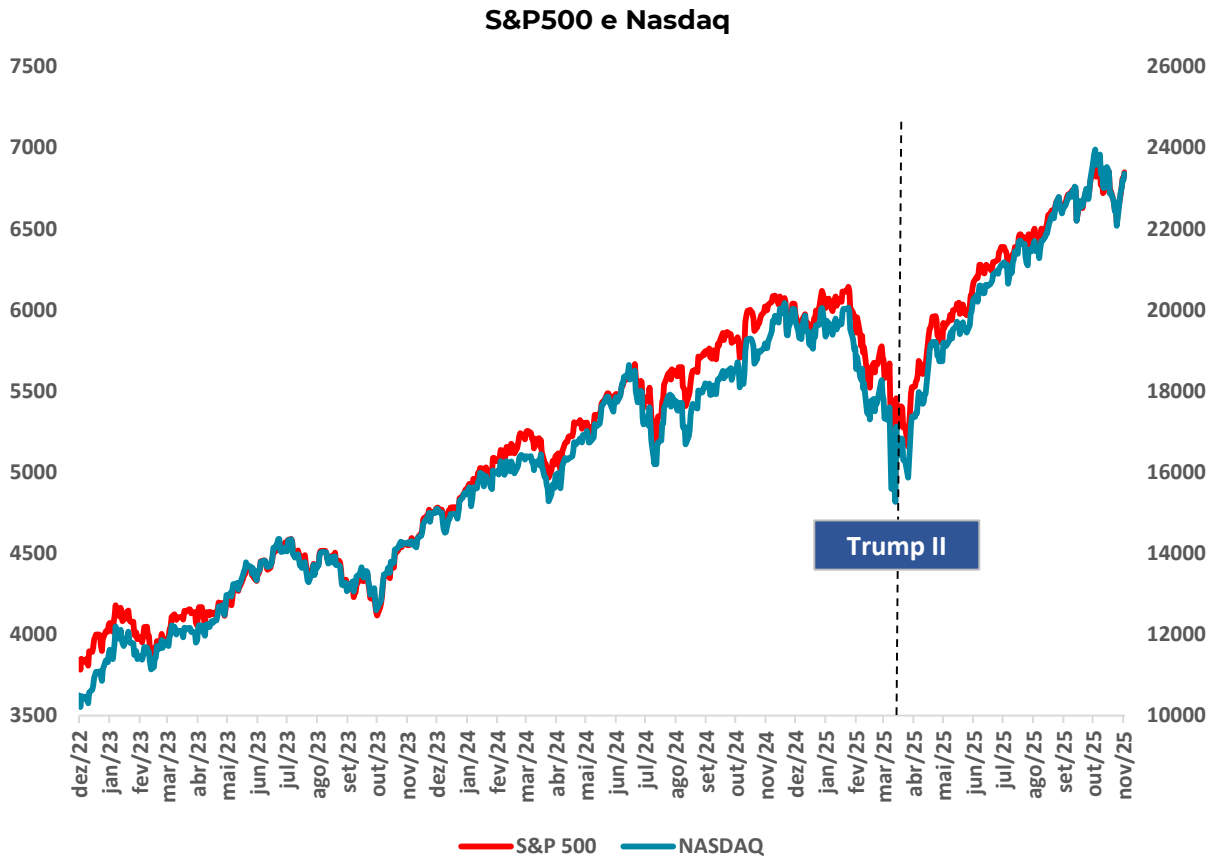
Fonte: BLS / Elaboração: Suno Asset

A fotografia é dual: de um lado, o payroll mais forte sustenta a posição dos diretores mais cautelosos; de outro, a piora na revisão e o aumento do desemprego reforçam o argumento daqueles que defendem cortes. Em nossa avaliação, o mercado de trabalho permanece relativamente equilibrado, mas com sinais claros de enfraquecimento.

Esse ambiente híbrido — atividade firme, inflação acima da meta e emprego desacelerando — tornou o debate sobre juros particularmente sensível. Ao longo de novembro, momentos em que ganhou força a percepção de manutenção dos juros levaram as bolsas americanas a perderem tração. Em contrapartida, indícios de flexibilização monetária em dezembro, como declarações de autoridades

sugerindo, desencadeou ralis pontuais nos mercados, evidenciando o quanto os investidores seguem reagindo mais ao discurso do Fed do que à economia real.

Segundo analistas, também houve um movimento de rotação de carteiras, com o mercado reduzindo exposição às grandes empresas de tecnologia e de inteligência artificial e migrando para outros setores. Esse rebalanceamento contribuiu para a queda dos principais índices, como o S&P 500, ao longo do mês.



Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Por fim, sobre a política monetária, nosso cenário-base é um corte de 0,25 p.p. para a última reunião, seguido de uma pausa. Para 2026, mantemos a projeção de juros próximos de 3,0% ao ano.

Cenário Brasil

Novembro foi marcado por um desempenho bastante positivo dos ativos domésticos, com o Ibovespa renovando recordes e superando os 158 mil pontos. A alta refletiu não apenas um ambiente externo mais favorável, mas também uma combinação de fatores internos que reforçou o apetite por risco.

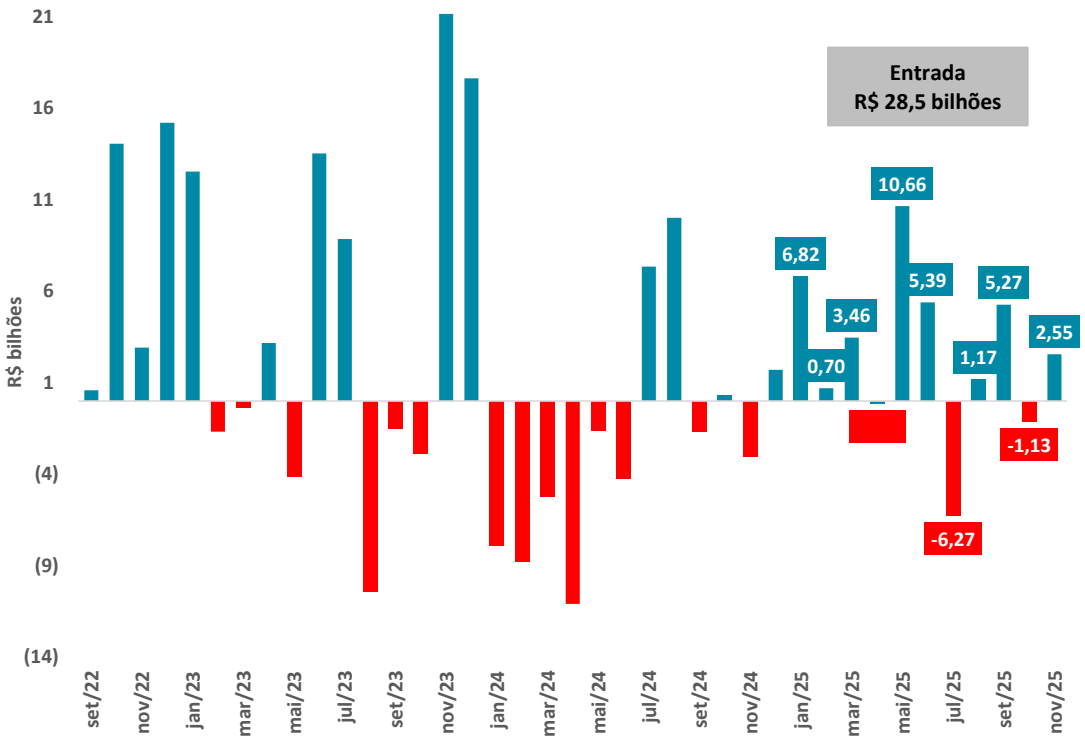
O acordo comercial entre Estados Unidos e China, junto à decisão americana de retirar a sobretaxa de 40% sobre produtos brasileiros — como café, carnes e frutas —, ajudou a reduzir tensões geopolíticas e aliviar o ambiente comercial. Paralelamente, a reprecificação ainda volátil das

expectativas de cortes de juros pelo Fed enfraqueceu o dólar e beneficiou mercados emergentes, criando um pano de fundo externo mais favorável para os ativos brasileiros.

No Brasil, os resultados corporativos surpreenderam positivamente, e a perspectiva de que o BC poderá iniciar um ciclo de flexibilização no início de 2026 estimulou a entrada de capital estrangeiro, sustentando a demanda por ativos locais.

Em novembro, esse ambiente mais favorável resultou em um fluxo positivo de R$ 2,5 bilhões de capital estrangeiro na B3. No acumulado do ano, o saldo permanece robusto, alcançando R$ 28,5 bilhões, como ilustrado no gráfico abaixo.

Fluxo Estrangeiro na B3 (R$ bilhões)

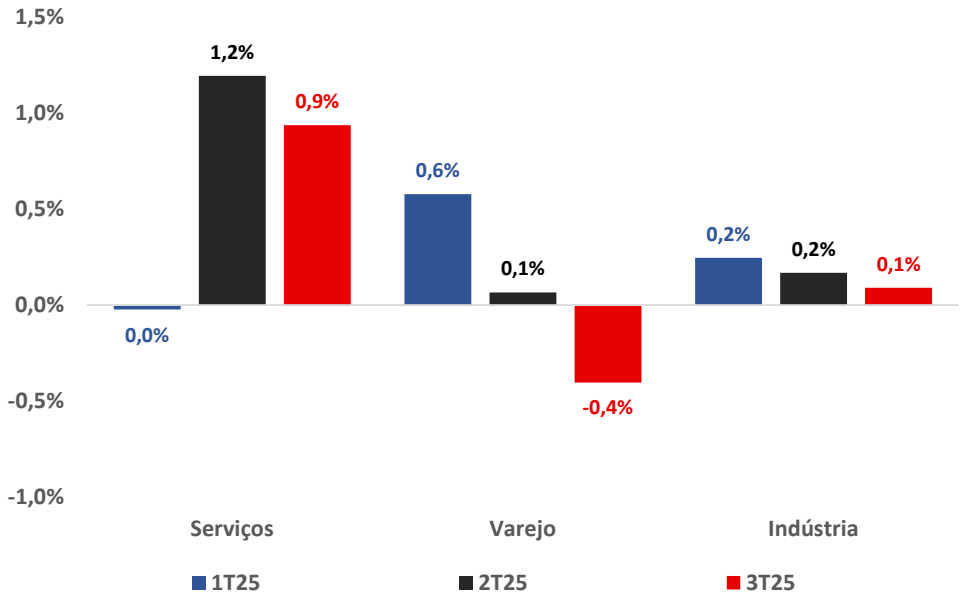


Fonte: B3 / Elaboração: Suno Asset

No campo da economia real, o cenário manteve o padrão observado nos últimos meses: a atividade segue em processo de moderação, a inflação mantém trajetória benigna, o câmbio permanece estável e as expectativas de inflação mostram sinais recentes de melhora.

A desaceleração da atividade ficou evidente nos dados de varejo, indústria e serviços, compatíveis com o estágio contracionista da política monetária. No gráfico a seguir, podemos notar a desaceleração da economia entre 1T25 e 3T25 para todos esses setores.

Atividade Econômica – Setores (Var. Trimestral, %)



Fonte: IBGE / Elaboração: Suno Asset

No câmbio, o real oscilou entre R$ 5,30 e R$ 5,35, sustentado pelo enfraquecimento do dólar global, pelo diferencial de juros ainda elevado e pelo fluxo de investidores estrangeiros– os mesmos vetores dos últimos meses.

Os dados de inflação reforçaram a continuidade do processo de desinflação em curso. No mês passado, o IPCA registrou alta mensal de 0,18% e, no acumulado em 12 meses, está em 4,46%, abaixo do limite superior da meta. A média dos núcleos recuou para 4,76%, e os serviços subjacentes cederam para5,99%, indicando um arrefecimento.

O problema ainda está nos preços de serviços intensivos em mão de obra, que voltaram a acelerar, refletindo um mercado de trabalho resiliente — fator que explica a postura cautelosa do Banco Central.

De modo geral, o quadro inflacionário segue sendo beneficiado pela apreciação cambial, pela estabilidade das commodities, pela queda dos preços de alimentos e pela desaceleração dos custos agrícolas e industriais.

Mesmo com todos esses avanços, a autoridade monetária deve manter postura cautelosa. **No início de novembro, também tivemos a penúltima decisão do Copom em 2025, com a manutenção da Selic em 15% e reforçou o tom firme em seu comunicado e ata. Em nossa visão, adequada ao estágio atual do ciclo.** Como temos reiterado, a flexibilização depende da convergência simultânea de três condições:

- Hiato do produto negativo com desaceleração do mercado de trabalho.

- Arrefecimento das medidas subjacentes de inflação.
- Expectativas bem ancoradas.

Apesar das expectativas de inflação tenham melhorado nas últimas semanas — com o Boletim Focus revisando para baixo as projeções entre 2025 e 2028 —, elas ainda permanecem acima do centro da meta, sendo o principal ponto de desconforto entre os diretores.

Como temos destacado em cartas anteriores, a economia brasileira atravessa um período de transição, com as condições para a flexibilização monetária começando a se consolidar. Nossa avaliação é que esses elementos devem se alinhar ao longo do início do próximo ano. Em janeiro, esperamos que o Copom ajuste o comunicado e prepare o terreno para um ciclo de afrouxamento gradual e cauteloso.

Dessa forma, mantemos o primeiro corte em março de 2026, de 0,50 p.p., inaugurando um ciclo progressivo que deve levar a Selic a 12,5% ao final de 2026. Abaixo, seguem os nossos cenários para a taxa de juros, que permanecem inalterados em relação à carta anterior.

Cenários para Taxa Selic (% a.a.)

Copom	Cenário Otimista	Cenário Base	Cenário Pessimista
Probabilidade	**30%**	**50%**	**20%**
nov/25	**15,00%**	**15,00%**	**15,00%**
dez/25	**15,00%**	**15,00%**	**15,00%**
jan/26	**14,50%**	15,00%	15,00%
mar/26	14,00%	**14,50%**	15,00%
abr/26	13,50%	14,00%	**14,50%**
jun/26	13,00%	13,50%	14,00%
ago/26	12,50%	13,00%	13,75%
set/26	12,25%	12,50%	13,50%
nov/26	12,00%	12,50%	13,25%
dez/26	**12,00%**	**12,50%**	**13,00%**

Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

Um risco relevante para o cenário segue sendo uma pressão cambial decorrente de choques externos, saída de capital estrangeiro ou novos ruídos políticos e/ou fiscais — como os observados no final do ano passado, quando as incertezas levaram o dólar a atingir R$ 6,30.

O mercado já começa a precificar esse movimento, ainda que de forma incipiente. Como temos destacado nas últimas cartas, quando essa pauta ganhar tração — entre o final de 2025 e o início de 2026 — os ativos locais tendem a reagir com mais intensidade. Esse ajuste pode abrir espaço para um segundo ciclo de valorização dos ativos brasileiros, desde que não surjam choques que interrompam a reprecificação em curso.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções Suno

Indicadores	2023	2024	2025	2026
PIB (var % a.a. real em volume)	3,2%	3,4%	2,4%	1,8%
PIB Nominal (R$ bi)	R$ 10,943	R$ 11,745	R$ 12,553	R$ 13,325
Taxa de Desemprego (%, fim do período)	7,4%	6,2%	5,8%	6,5%
IPCA (%, a/a, fim de período)	4,6%	4,3%	4,5%	4,3%
IPCA - Administrados (%, a/a, fim de período)	9,1%	4,7%	4,9%	4,1%
IPCA - Livres (%, a/a, fim de período)	3,1%	4,9%	4,4%	4,3%
Taxa Selic (% a.a., fim de período)	11,75%	12,25%	15,0%	12,5%
Taxa de Câmbio (R$/US$, fim de período)	4,85	6,19	5,40	5,65
Balança comercial (US$ bilhões)	98,8	74,6	59,2	63,8
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-2,30%	-0,10%	-0,25%	-0,40%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,41%	-0,38%	-0,6%	-0,8%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	0,74	0,76	78,9%	83,0%
Dívida Líquida do Setor Público - DLSP (% PIB)	0,60	0,61	65,5%	68,0%

Fonte: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Suno Asset

Bibliografia

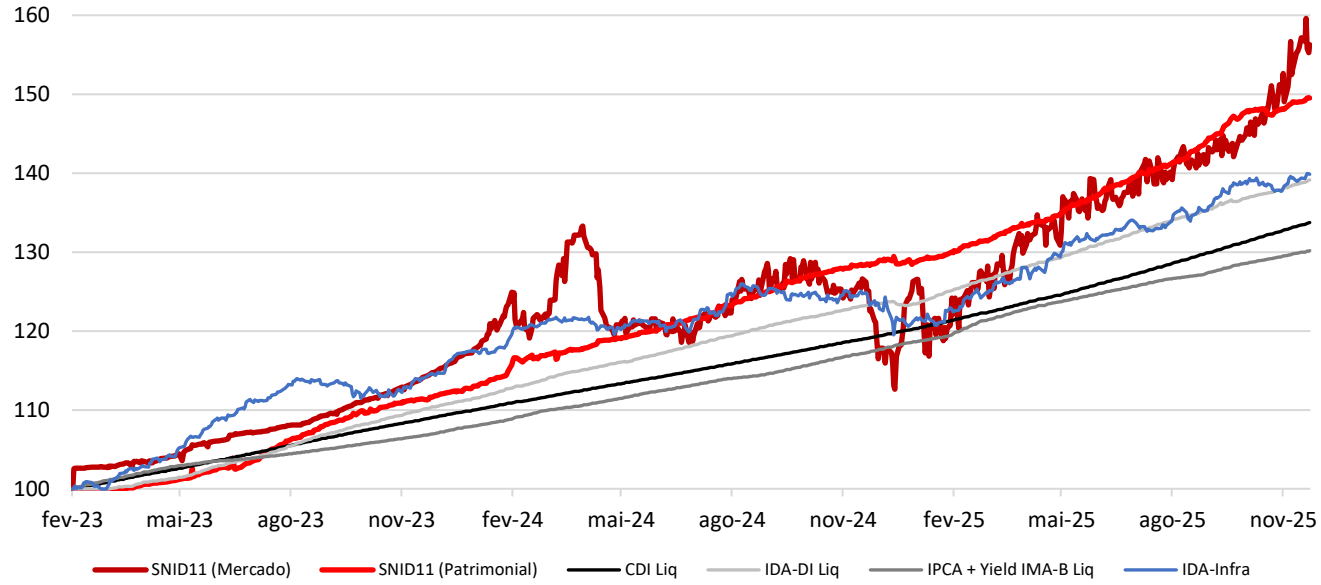
- Blinder, A., Ehrmann, M., Fratzscher, M., De Haan, J., & Jansen, D.-J. (2008). *Central Bank Communication and Monetary Policy: A Survey of Theory and Evidence*. Journal of Economic Literature.
- Bank for International Settlements (2024). *Monetary Policy in the News: Communication Pass-Through and Inflation Expectations*. BIS Working Papers.
- Deng, Y., Xu, M., & Tang, Y. (2024). *FMPAF: How Do Fed Chairs Affect the Financial Market? A Fine-Grained Monetary Policy Analysis Framework on Their Language*.
- Rogoff, K. (1985). *The Optimal Degree of Commitment to an Intermediate Monetary Target*. Quarterly Journal of Economics.

Gustavo Sung, Economista-chefe da Suno.

PERFORMANCE/DESEMPENHO

(RENTABILIDADE, Nº COTISTAS, ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE, CARREGO)

Rentabilidade SNID11 vs Benchmarks



Elaboração: Suno Asset e Quantum

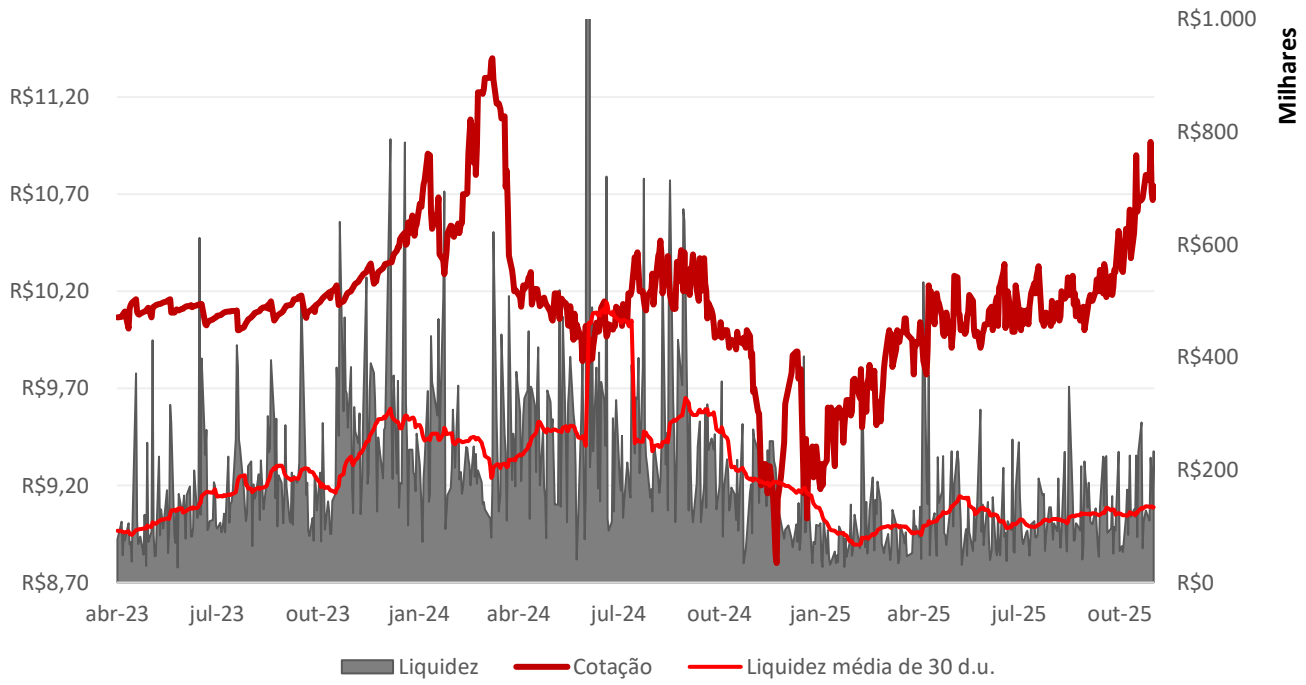
Desde o seu início, o SNID11 teve um retorno total, considerando o reinvestimento dos rendimentos, de **56,3% na cota a mercado e de 49,5% na cota patrimonial**, sendo superior aos principais índices de mercado, líquidos de IR: CDI liq (33,8%), IPCA + yield IMA-B liq (30,2%), IDA-DI liq (39,2%) e IDA-IPCA Infraestrutura (39,7%).

Tabela de sensibilidade

	Cotação	Spread (CDI+) Bruto	Spread (-) Tx Adm
	R$ 10,20	2,57%	1,60%
	R$ 10,25	2,46%	1,50%
	R$ 10,30	2,36%	1,40%
	R$ 10,35	2,26%	1,30%
Patrimonial	**R$ 10,36**	**2,24%**	**1,28%**
	R$ 10,40	2,16%	1,19%
	R$ 10,45	2,05%	1,09%
	R$ 10,50	1,95%	0,99%
	R$ 10,55	1,85%	0,89%
	R$ 10,60	1,74%	0,79%
	R$ 10,65	1,64%	0,68%
	R$ 10,70	1,54%	0,58%
Cota a Mercado	**R$ 10,74**	**1,46%**	**0,50%**
Legenda:	Cota a Mercado	Cota Patrimonial	

Elaboração: Suno Asset

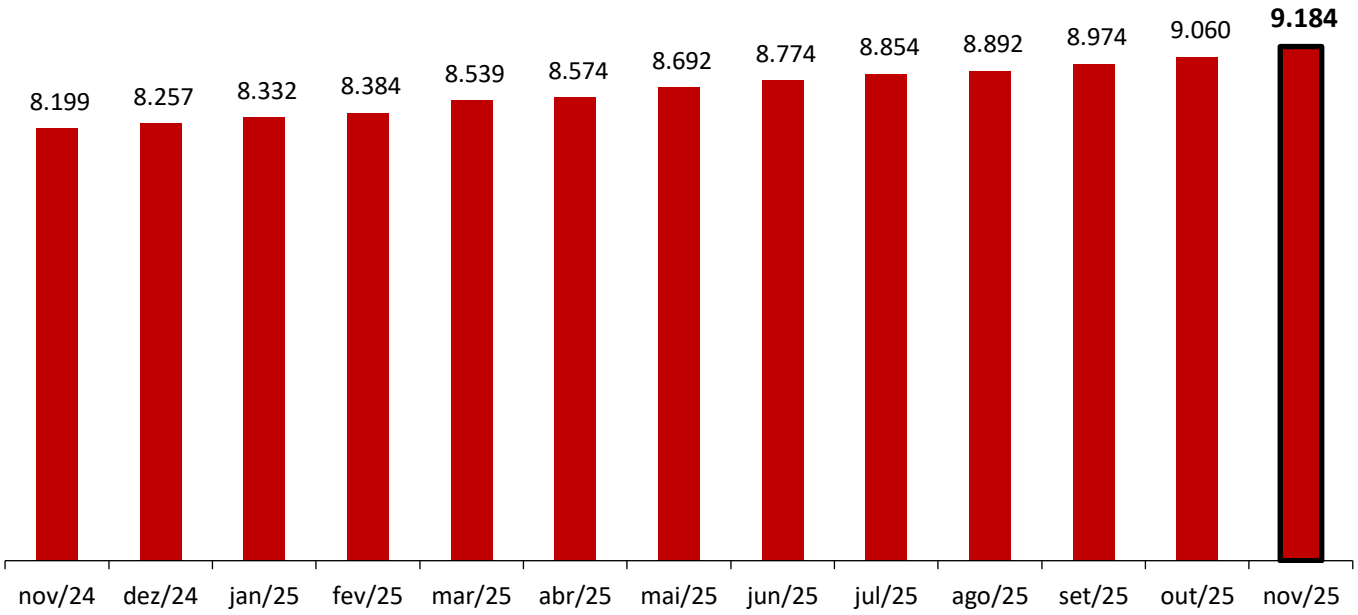
Cotação e liquidez



Elaboração: Suno Asset e Quantum

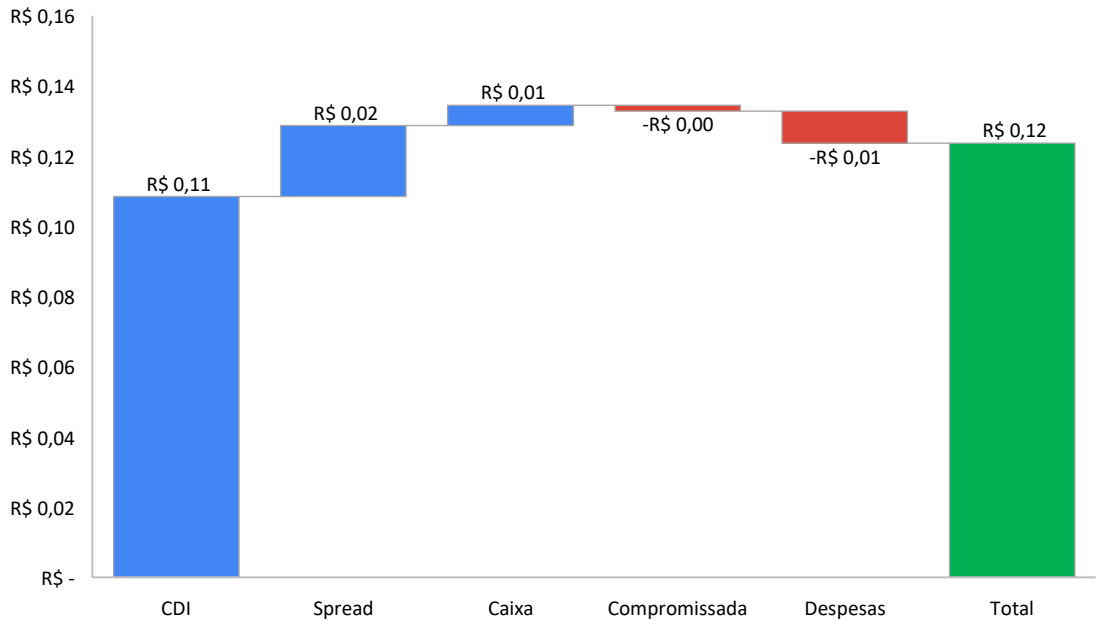
No mês de outubro, o SNID teve um **volume financeiro de R$ 3,0 milhões**, e uma **média diária de negociação de R$ 156 mil**.

Evolução do número de cotistas



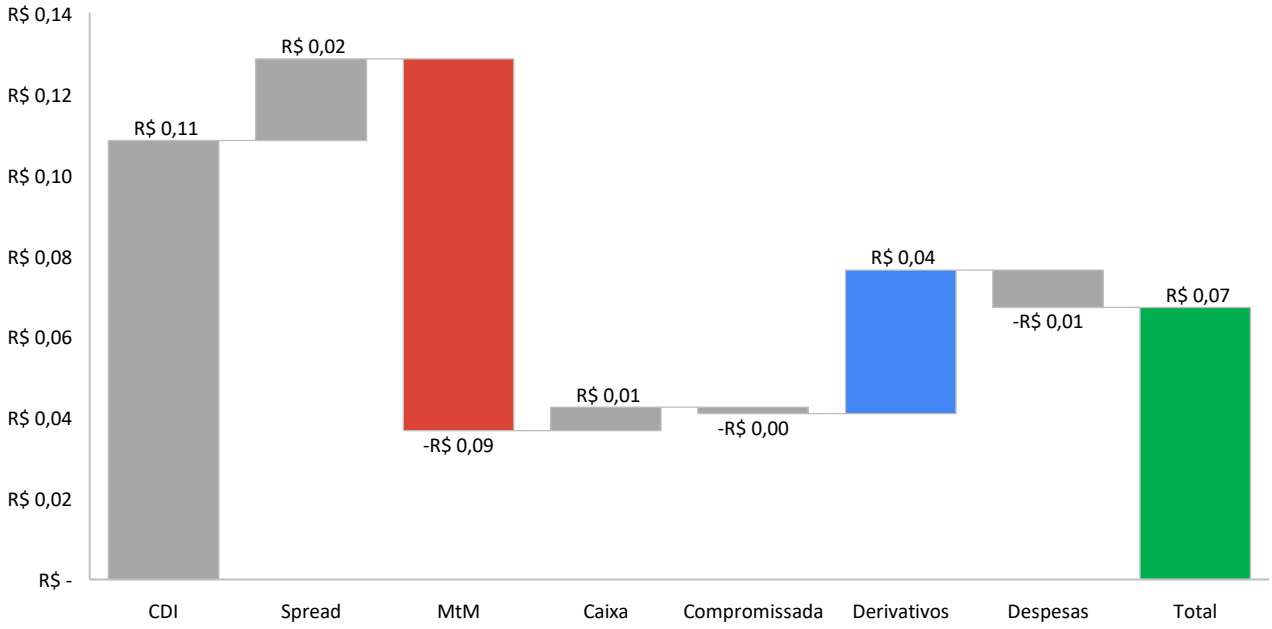
Elaboração: Suno Asset

Atribuição de performance - SEM marcação e derivativos



Elaboração: Suno Asset.

Atribuição de performance - COM marcação e derivativos



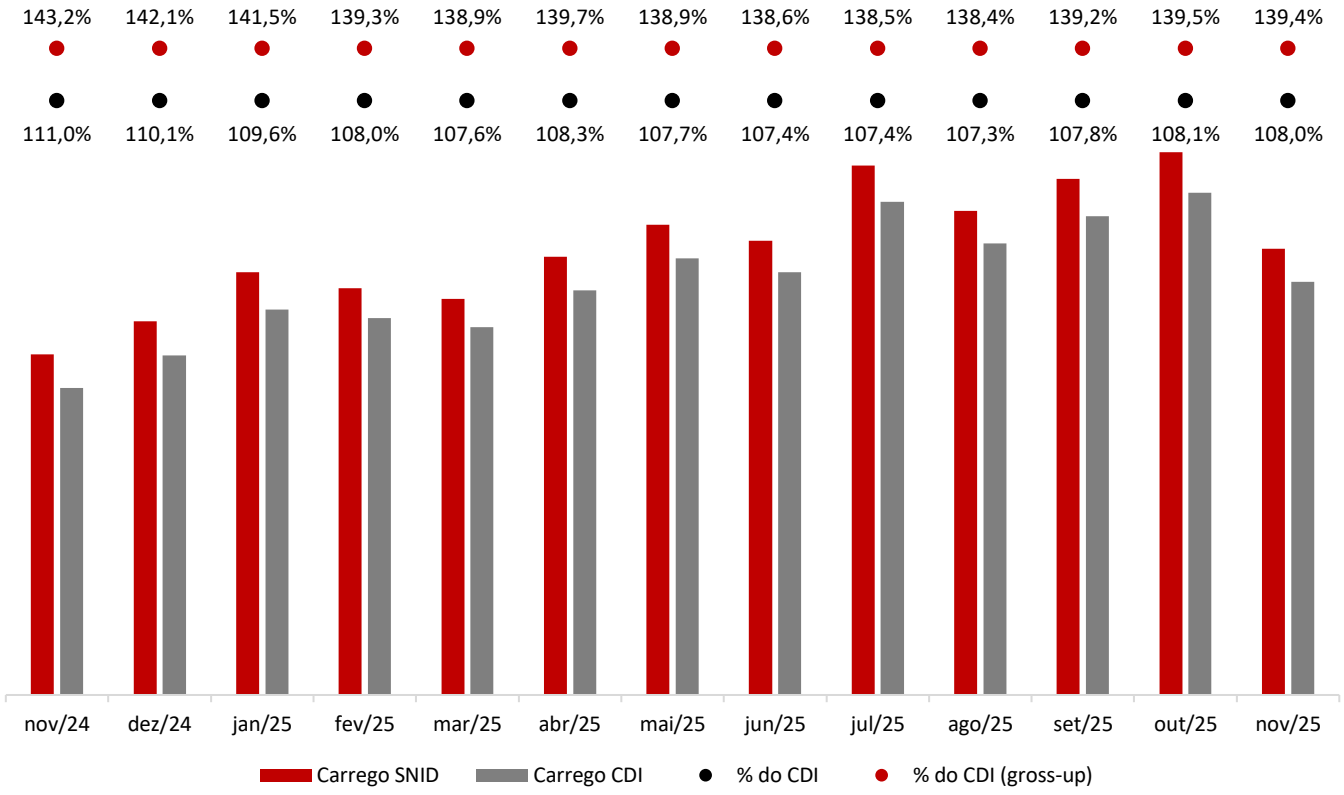
Elaboração: Suno Asset.

O componente CDI terminou em 15,00% no período, contribuindo com R$ 0,108 por cota. O componente *spread* da carteira de crédito, em 2,24% no fechamento do período, atribuiu R$ 0,020 por cota. O caixa do fundo, por sua vez, contribuiu com R$ 0,006 por cota, uma vez que hoje representa 4,6% do patrimônio do fundo. Do lado dos detratores, tivemos a compromissada com um custo de R$

0,002 por cota. As despesas do fundo detraíram R$ 0,009 por cota do resultado no mês, em linha à média histórica. **Desta forma, o fundo teve um resultado de carrego de R$ 0,124 por cota, levemente abaixo da distribuição do mês.**

A marcação a mercado dos papéis em carteira contribuiu negativamente com R$ 0,092 por cota, em decorrência da abertura das taxas indicativas no mercado secundário. Os derivativos, que são os instrumentos utilizados para realizar o swap do indexador das debêntures incentivadas para o CDI, atribuíram positivamente R$ 0,040 por cota, em decorrência da abertura das taxas das NTN-Bs no período. **Dessa forma, o fundo teve um resultado patrimonial de R$ 0,067 por cota, abaixo da distribuição do mês.**

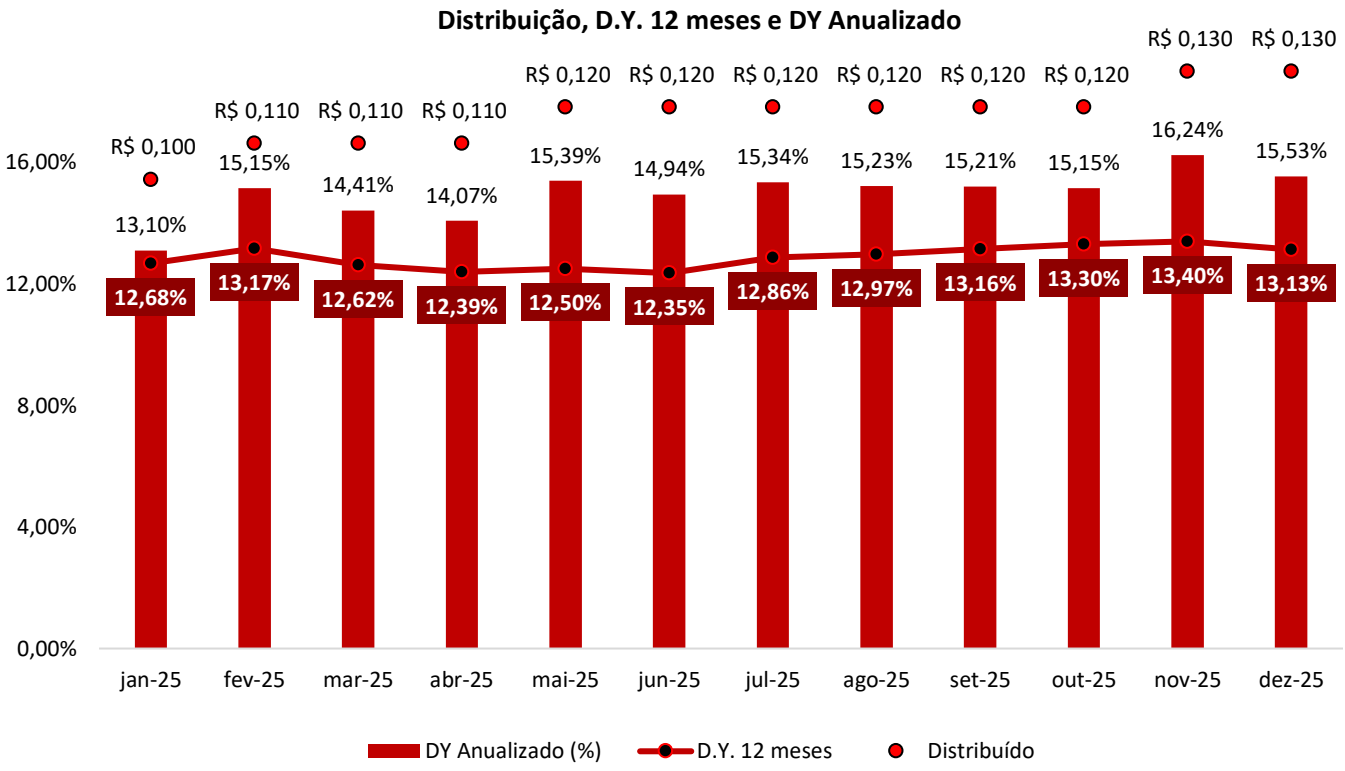
Carrego mensal



Elaboração: Suno Asset.

No mês de setembro, o fundo gerou carrego líquido equivalente a **108,0% do CDI**, equivalente a um retorno de **139,4% do CDI** ou **CDI + 5,1%**, quando considerado o gross-up.

Rendimentos

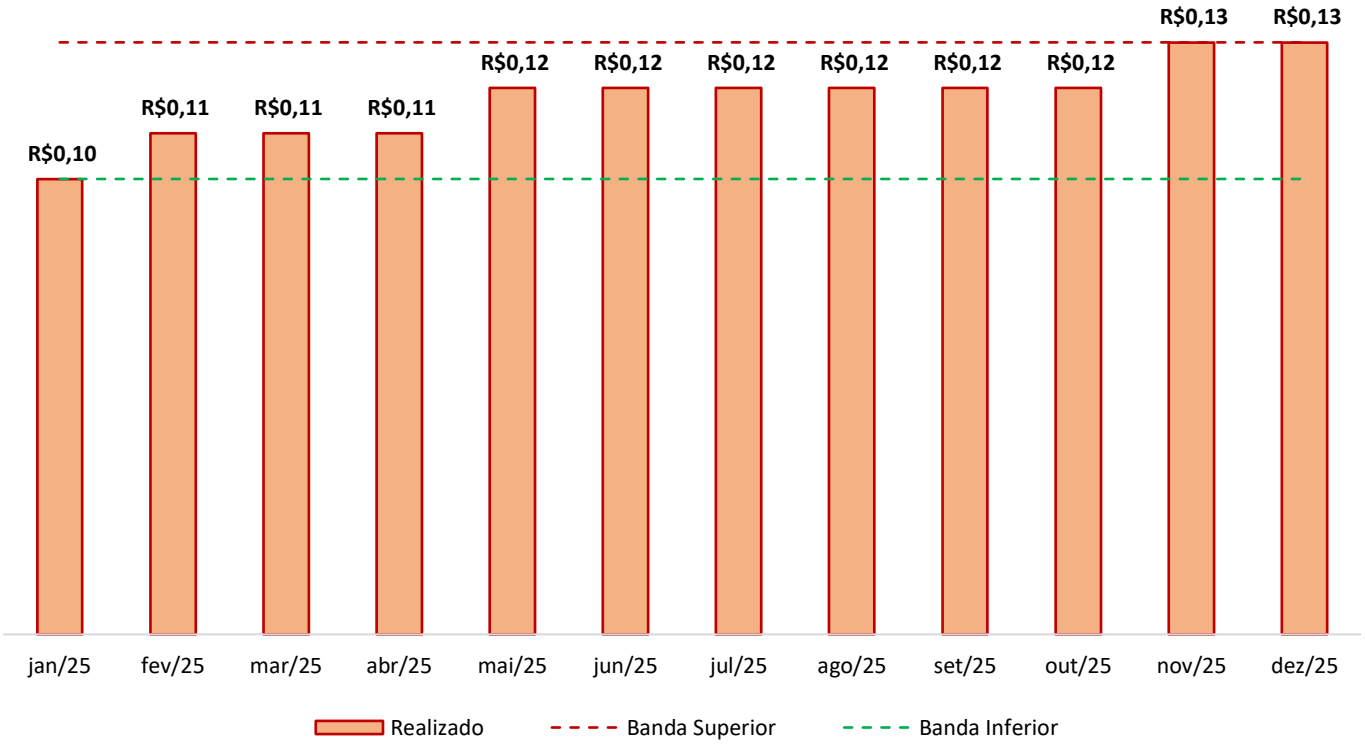


Elaboração: Suno Asset.

No mês de dezembro, o fundo anunciou a distribuição de **R$ 0,13**, resultando em um *yield* anualizado de 15,5%. Nos últimos 12 meses, o fundo distribuiu 13,1%, tendo como base a cota a mercado. Em relação a cota patrimonial, a distribuição dos últimos 12 meses foi de 13,6%.

GUIDANCE

Seguindo a política de *guidance* de rendimentos, mantemos nossas projeções de distribuição para o segundo semestre de 2025, que abrange os recentes aumentos da Taxa Selic. Dessa forma, atualmente temos como *guidance* a **banda superior em R$ 0,13** e a **banda inferior em R$ 0,10**, demonstrando a resiliência do produto e aderência com o CDI. Como forma de compromisso com o guidance, entendemos como saudável o nível de distribuição, dado o atual patamar de Selic.



Elaboração: Suno Asset.

CARTEIRA

R$ 74,7 Mi
Patrimônio Líquido do Fundo

48 (+0 vs mês passado)
Número de ativos na carteira

38 (+0 vs mês passado)
Número de emissores

CDI + 2,32% | 4,9 | R$ 72,2 Mi
Taxa média das debêntures da carteira | Duration | Posição Financeira

CDI + 2,16% | 5,3 | R$ 61,8 Mi
Taxa média das debêntures incentivadas da carteira | Duration | Posição Financeira

CDI + 3,30% | 2,5 | R$ 10,4 Mi
Taxa média das debêntures normais da carteira | Duration | Posição Financeira

R$ 0,7 Mi (0,9%)
Volume em operações compromissadas

0,80% a.a.
Custo médio ponderado das compromissadas

AA-
Rating ponderado da carteira

76,4%
Alocação em alto grau de crédito (AAA e A+)

R$ 3,1 Mi (4,2% do PL)
Caixa no Fechamento

24,9% | 43,3%
Concentração 5 maiores | 10 maiores

CARTEIRA DE DEBÊNTURES

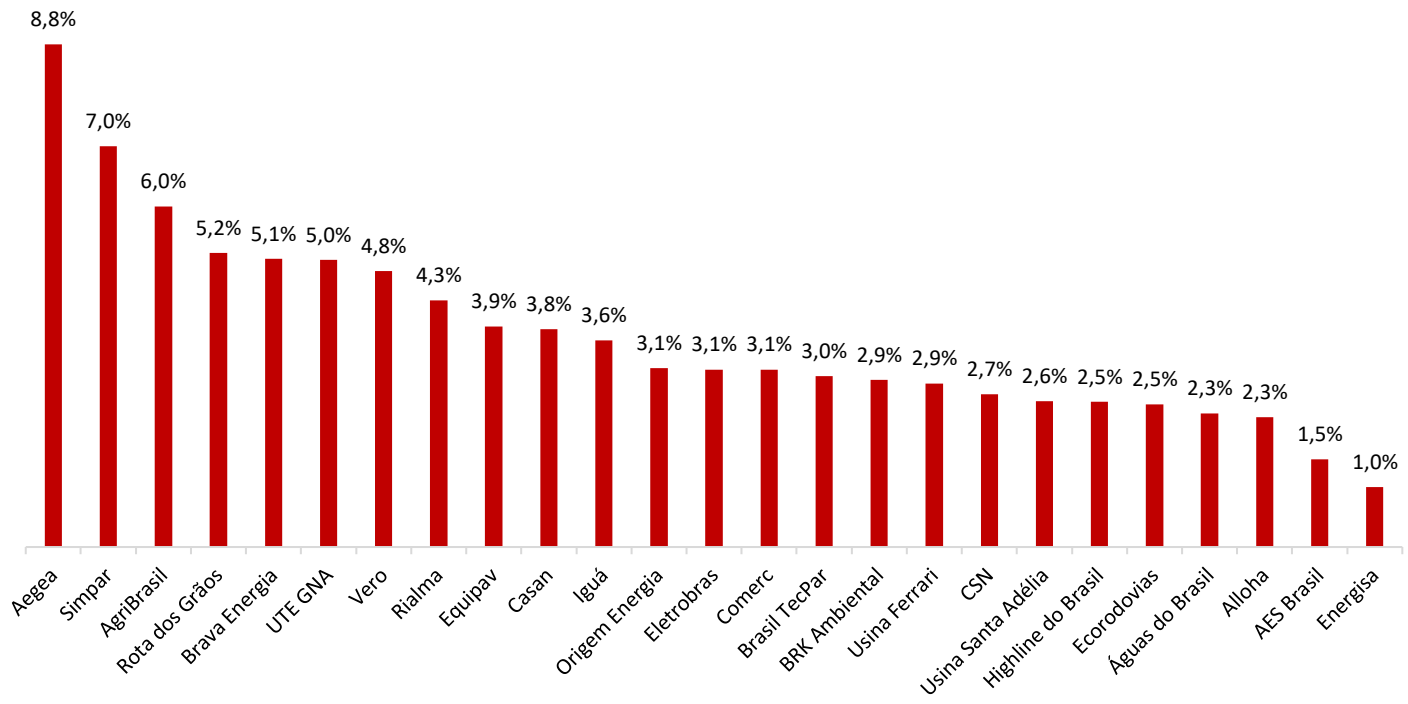
Ativo	Emissor	Controladora	Setor	Tipo	Rating	*Spread*	Duration	Financeiro (mil)	% do PL
CJEN13	Tesc	AgriBrasil	Portos	Incentivada	AA-	2,62%	4,4	R$ 4.398	5,9%
RGRA11	Rota dos Grãos	Rota dos Grãos	Rodovias	Incentivada	A+	2,63%	7,0	R$ 3.759	5,0%
UNEG11	UTE GNA I	UTE GNA	Energia Elétrica	Incentivada	A	2,83%	7,0	R$ 3.710	5,0%
RISP24	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,63%	8,4	R$ 3.235	4,3%
ENAT33	Brava Energia	Brava Energia	Óleo e Gás	Incentivada	AA	1,76%	5,8	R$ 3.196	4,3%
VERO13	Vero	Vero	Telecom	Incentivada	A+	2,42%	3,7	R$ 3.076	4,1%
CASN23	Casan	Casan	Saneamento	Incentivada	BBB+	3,09%	3,5	R$ 2.948	3,9%
IRJS14	Iguá Rio	Iguá	Saneamento	Incentivada	AAA	1,53%	7,3	R$ 2.787	3,7%
AGEP12	AGE Telecom	Rialma	Telecom	Incentivada	-	3,50%	4,2	R$ 2.651	3,5%
NTEN11	Norte Energia	Eletrobras	Energia Elétrica	Incentivada	A	2,19%	2,2	R$ 2.630	3,5%

ORIG21	Origem Energia	Origem Energia	Óleo e Gás	Incentivada	A	2,20%	4,7	R$ 2.309	3,1%
HVSP11	Helio Valgas	Comerc	Energia Elétrica	Incentivada	AAA	2,25%	5,3	R$ 2.291	3,1%
BRKP28	BRK Ambiental	BRK Ambiental	Saneamento	Incentivada	A+	1,14%	5,7	R$ 2.136	2,9%
TCII11	AES Tucano	AES Brasil	Energia Elétrica	Incentivada	AAA	1,96%	6,3	R$ 2.111	2,8%
FRAG14	Usina Ferrari	Usina Ferrari	Sucroenergético	Incentivada	A+	1,14%	4,3	R$ 2.091	2,8%
USAS11	Usina Santa Adélia	Usina Santa Adélia	Sucroenergético	Incentivada	AA-	2,50%	1,4	R$ 1.889	2,5%
HGLB23	Highline do Brasil	Highline do Brasil	Telecom	Incentivada	A-	1,83%	4,9	R$ 1.878	2,5%
HARG11	Holding do Araguaia	Ecorodovias	Rodovias	Incentivada	AAA	2,37%	5,3	R$ 1.840	2,5%
SABP12	Rio+	Águas do Brasil	Saneamento	Incentivada	AAA	1,39%	7,5	R$ 1.709	2,3%
TEPA12	Brasil TecPar	Brasil TecPar	Telecom	Incentivada	AA-	3,90%	3,2	R$ 1.659	2,2%
AEGE16	Equipav Saneamento	Equipav	Saneamento	Normal	AA	3,63%	3,7	R$ 1.552	2,1%
VAMO24	Vamos	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,65%	3,4	R$ 1.412	1,9%
JSLGA5	JSL	Simpar	Logístico	Normal	AA	2,30%	1,7	R$ 1.347	1,8%
AEGE17	Equipav Saneamento	Equipav	Saneamento	Normal	AA	3,60%	4,4	R$ 1.292	1,7%
CCLS11	Ciclus Ambiental	Aegea	Gestão de Resíduos	Incentivada	AA	1,05%	4,5	R$ 1.232	1,6%
SUMI18	Giga Mais Fibra	Alloha	Telecom	Incentivada	A+	1,65%	4,4	R$ 1.186	1,6%
VAMO13	Vamos	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,41%	2,2	R$ 1.129	1,5%
RIS424	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,77%	8,4	R$ 1.003	1,3%
CGEE23	CEEE-G	CSN	Energia Elétrica	Incentivada	AA	1,20%	6,5	R$ 1.003	1,3%
CSNAA2	CSN	CSN	Materiais Básicos	Normal	AA+	3,49%	1,6	R$ 949	1,3%
ENGIC0	Energisa	Energisa	Energia Elétrica	Incentivada	AAA	0,35%	8,5	R$ 774	1,0%
CBRDA8	Pão de Açúcar	Pão de Açúcar	Varejo	Normal	AA	5,99%	0,6	R$ 714	1,0%
CCLS21	Ciclus Ambiental	Aegea	Gestão de Resíduos	Incentivada	AA	1,05%	5,0	R$ 693	0,9%

CRCF12	Rodovias do Café	EPR rodovias	Rodovias	Incentivada	AA	0,85%	8,7	R$ 566	0,8%
QUAT13	Usina Quatá	Usina Quatá	Sucroenergético	Incentivada	A+	2,90%	3,9	R$ 554	0,7%
TEPA13	Brasil TecPar	Brasil TecPar	Telecom	Incentivada	AA-	3,54%	3,8	R$ 552	0,7%
RALM21	Rialma	Rialma	Energia Elétrica	Incentivada	AAA	0,91%	9,4	R$ 521	0,7%
ENAT24	Brava Energia	Brava Energia	Óleo e Gás	Incentivada	AA	1,00%	5,8	R$ 519	0,7%
VERO44	Vero	Vero	Telecom	Incentivada	A+	2,00%	5,8	R$ 505	0,7%
MVLV19	Movida	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,74%	1,0	R$ 503	0,7%
BRKMA8	Braskem	Braskem	Petroquímico	Normal	CCC-	3,79%	2,9	R$ 501	0,7%
SUMI19	Giga Mais Fibra	Alloha	Telecom	Incentivada	A+	2,09%	4,6	R$ 500	0,7%
SIMH16	Simpar Holding	Simpar	Holding	Normal	AA	4,60%	3,1	R$ 468	0,6%
MOVI34	Movida	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,64%	1,3	R$ 312	0,4%
RIS412	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,59%	4,8	R$ 297	0,4%
ESAM14	São Manoel	EDP	Energia Elétrica	Incentivada	AA	1,96%	3,4	R$ 181	0,2%
TRES11	3 Tentos	3 Tentos	Agroindústria	Normal	AA	2,10%	2,7	R$ 104	0,1%
BRST11	Brisanet	Brisanet	Telecom	Incentivada	AA-	2,88%	1,2	R$ 42	0,1%
COMPROMISSADA			Compromissada			0,80%	0,0	-R$ 692	-0,9%
CAIXA	Caixa			Caixa	Caixa	0,0%	0,0	R$ 3.117	4,2%
TOTAL						2,24%	4,7	R$ 74.632	100,0%

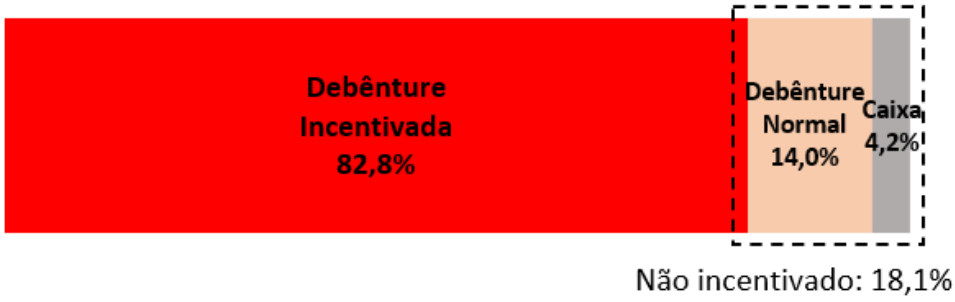
ALOCAÇÕES

Exposição por controlador (25 maiores exposições)



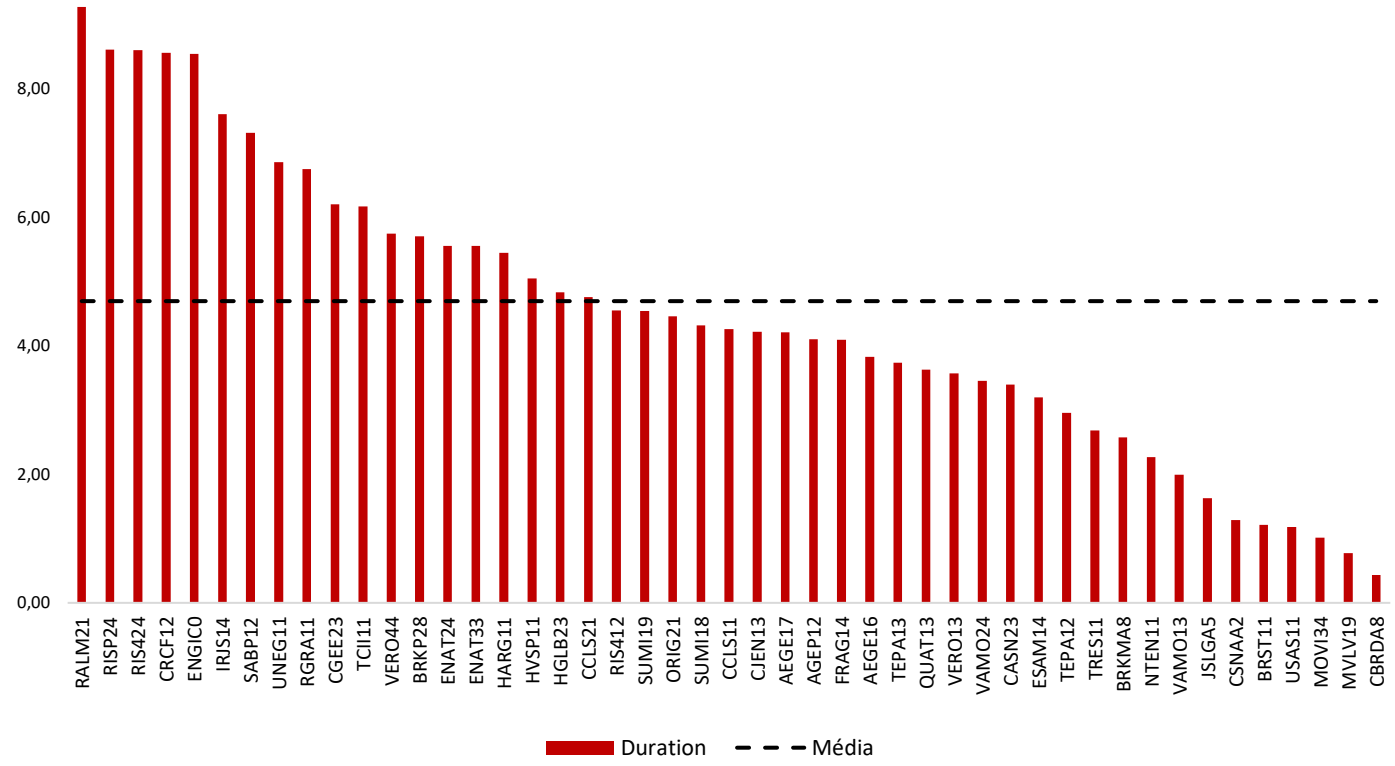
Elaboração: Suno Asset.

Exposição por tipo de ativo



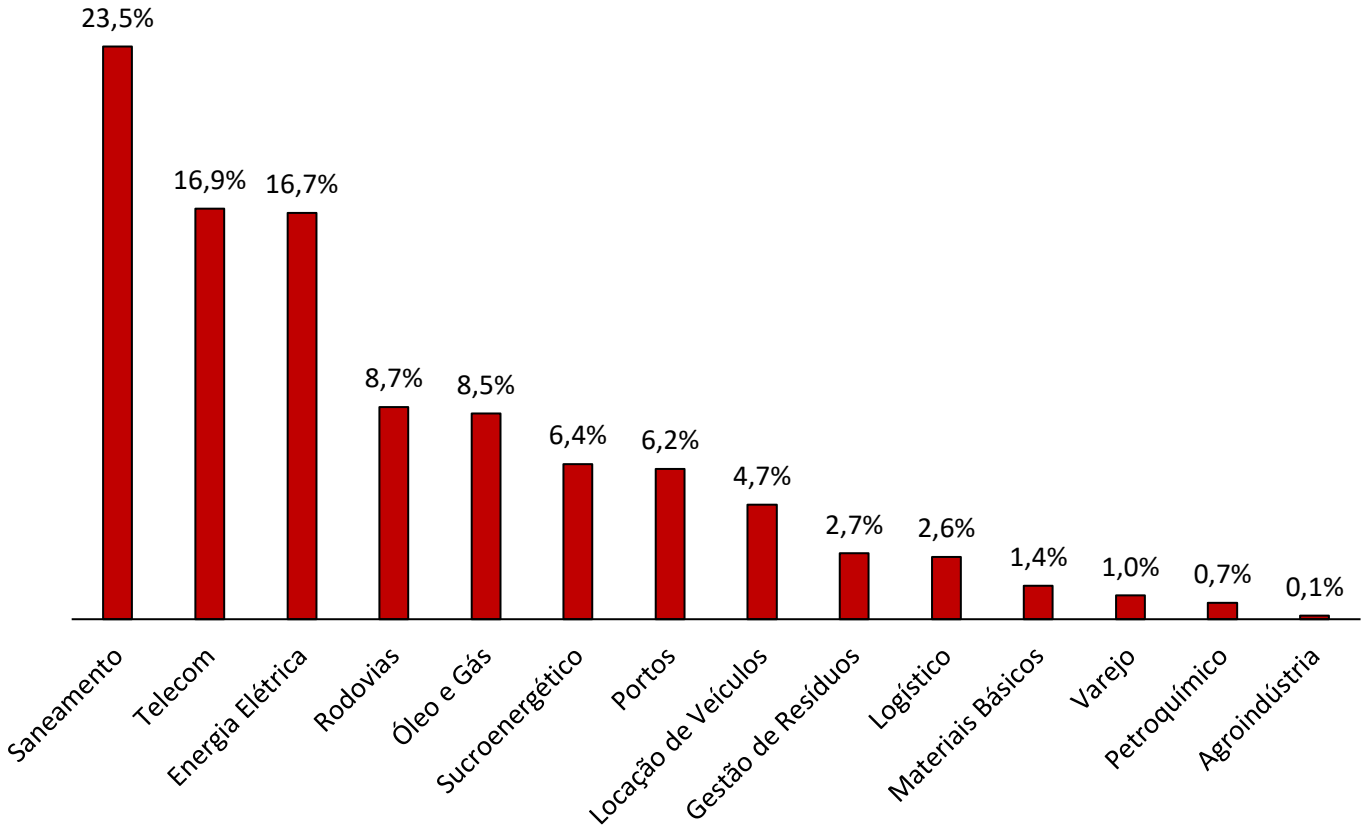
Elaboração: Suno Asset.

Duration dos ativos e da carteira



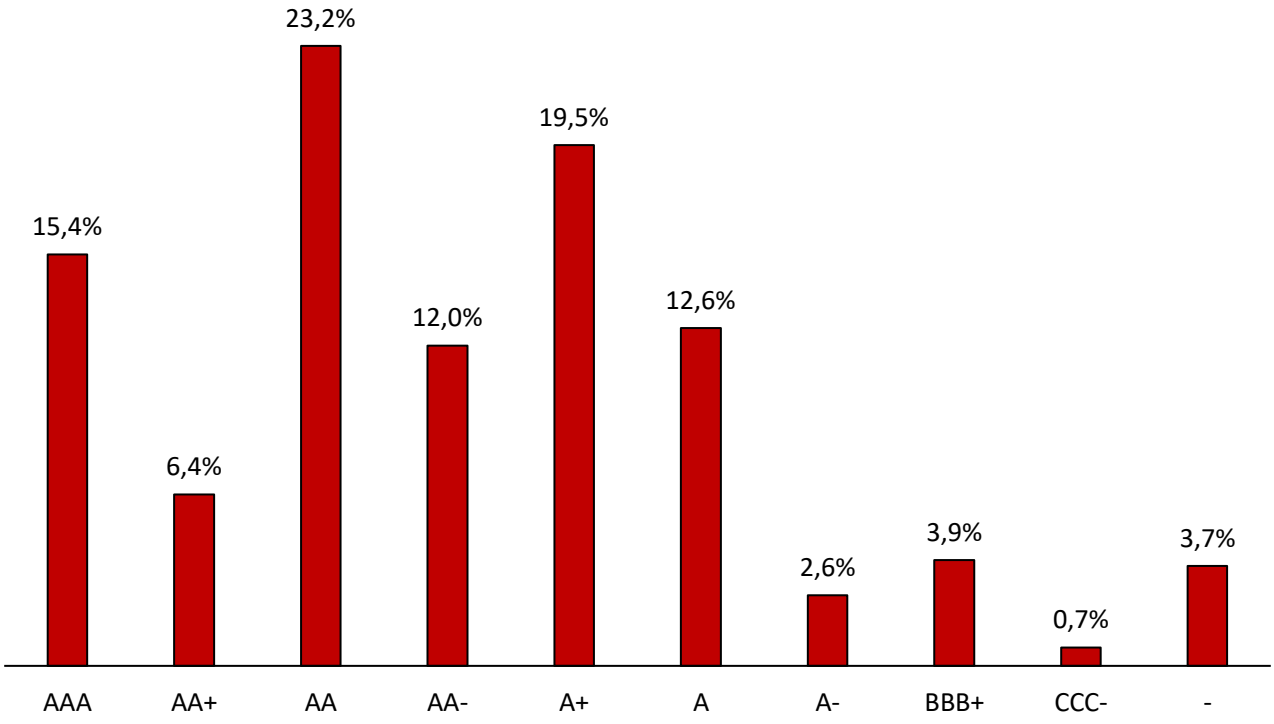
Elaboração: Suno Asset.

Exposição setorial



Elaboração: Suno Asset.

Exposição por rating externo



Elaboração: Suno Asset.

DETALHAMENTO DOS PRINCIPAIS ATIVOS

AES TUCANO

DADOS: 2T25



Ticker: TCII11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 1,96%

Duration: 6,37 anos

Rating: AAA (Fitch)

Exposição: 2,7%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 3,47 bi

EBITDA: R$ 2,0 bi

DADOS OPERACIONAIS

Ventos: 8,3 m/s

Energia Bruta Gerada: 566 GWh

Turbinas em operação: 36

Duration dos PPA: 17,4 anos

Comentário da Gestão

O Complexo Eólico Tucano é uma usina de geração eólica situada nos municípios de Tucano, Biritinga e Araci, na Bahia, com capacidade instalada de 322 MW. É uma subsidiária da AES Brasil, uma das maiores companhias do segmento elétrico brasileiro. A AES Brasil possui 4,2 GW instalados em operação e mais 1,0 GW em construção, com atuação integral na geração de energia renovável.

Fonte: AES Brasil | Elaboração: Suno Asset

ÁGUAS DO RIO

DADOS: 2T25

Tickers: RIS422, RIS424, RISP22 e RISP24

Setor: Saneamento

Carrego de aquisição: CDI + 1,74%

Duration: 8,2 anos

Rating: AA+ (S&P)

Exposição: 6,1%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 1,7 bi

EBITDA: R$ 742,5 bi

Dívida Líquida: R$ 6,8 bi

DL/EBITDA: 7,88x

DADOS OPERACIONAIS

Economias Faturadas: 4,62 mi

Volume Faturado: 255 mi m³ (2T)

Índices de perdas: 49,7%

Vencimento: 2046

Comentário da Gestão

A Águas do Rio é a maior concessão do portfólio da Aegea, que por sua vez, é a maior companhia privada de saneamento básico do país. A cia. atende mais de 20 milhões de pessoas sob a região de sua cobertura, e o prazo de sua concessão é de 35 anos (vencimento em 2046). Seus investimentos visam aumentar a área de cobertura de água e esgoto e diminuir as perdas de água na distribuição, auxiliando na meta nacional de universalização da cobertura de saneamento no país.

Fontes: Aegea | Elaboração: Suno Asset

BRASKEM

DADOS: 2T25



Ticker: BRKMA8

Setor: Petroquímico

Carrego de aquisição: CDI + 3,79%

Duration: 2,9 anos

Rating: CCC- (S&P)

Exposição: 0,60%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 17,8 bi

EBITDA Recorrente: R$ 74 mi

Dívida Líquida Ajustada: R$ 37,5 bi

DL/EBITDA: 10,59x

DADOS OPERACIONAIS

Taxa de Utilização Brasil: 74%

Taxa de Utilização México: 44%

Taxa de Utilização EUA: 74%

Provisões de Alagoas: R$ 4,7 bi

Comentário da Gestão

A Braskem é uma das maiores Petroquímicas do mundo, com plantas na América Latina, América do Norte e Europa. Sua enorme escala proporciona ganhos de sinergia relevantes, garantindo à companhia um custo de produção competitivo globalmente e forte geração de caixa mesmo em ciclos de baixa. A companhia é controlada pela Petrobrás e Novonor.

Fontes: Braskem | Elaboração: Suno Asset

BRISANET

DADOS: 2T25



Ticker: BRST11

Setor: Telecomunicações

Carrego de aquisição: CDI + 2,88%

Duration: 1,9 anos

Rating: AA- (S&P)

Exposição: 0,1%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 1.316 mi

EBITDA: R$ 579 mi

Dívida Líquida: R$ 891 mi

DL/EBITDA: 1,54x

DADOS OPERACIONAIS

Casas Passadas: 7.042 mil

Casas Conectadas: 1.361 mil

Cobertura 4G/5G: 6,6 mi hab

Cidades Atendidas (Fibra): 158

Comentário da Gestão

A Brisanet é uma companhia do ramo de telecomunicações com atuação majoritária na região Nordeste do país. O foco de sua operação está no desenvolvimento das telefonias fixa e móvel, além da fibra óptica. Presente em quase 370 cidades, é uma das maiores companhias do segmento, com mais de 1,3 milhão de clientes.

Fontes: Brisanet | Elaboração: Suno Asset

TERMINAL PORTUÁRIO DE SANTA CATARINA (TESC)

DADOS: 1S25



Ticker: CJEN13

Setor: Portos

Carrego de aquisição: CDI + 2,62%

Duration: 4,39 anos

Rating: A+ (Fitch)

Exposição: 5,7%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 152,7 mi

EBITDA anualizado: R$ 141 mi

Dívida Líquida: R$ 325,7 mi

DL/EBITDA anualizado: 2,3x

DADOS OPERACIONAIS

Volume: 3,2 milhões ton

Comentário da Gestão

A Tesc – Terminal de Santa Catarina é um terminal portuário localizado no complexo de São Francisco do Sul (SC), com concessão iniciada em 1996 e renovada em 2017 até 2046. É ponto estratégico de interligação dos modais ferroviário e rodoviário para importação e exportação de componentes siderúrgicos, granéis sólidos, carga geral e carga de projeto. Devido à localização, é importante ponto de escoamento da produção agropecuária nacional para os mercados asiático e europeu.

Fontes: AgriBrasil | Elaboração: Suno Asset

IGUÁ RIO

DADOS: 2T25



Ticker: IRJS14

Setor: Saneamento

Carrego de aquisição: CDI + 1,83%

Duration: 7,6 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 406,5 mi

EBITDA: R$ 166 mi

Dívida Líquida: R$ 8 bi

DL/EBITDA: 12x

DADOS OPERACIONAIS

Economias Faturadas: 701,5 mil

Volume Faturado: 38,4 mi m³

Índices de perdas: 48%

Vencimento: 2057

Comentário da Gestão

A Iguá Rio pertence ao grupo Iguá Saneamento e é responsável pela concessão de saneamento na cidade do Rio de Janeiro, nas regiões da Barra e Jacarepaguá. Cerca de 1,2 milhões de pessoas podem ser beneficiadas com os serviços da empresa, a partir de um contrato de concessão de 35 anos de prazo.

Fontes: Enauta | Elaboração: Suno Asset

HOLDING DO ARAGUIA

DADOS: 2T25



Ticker: HARG11

Setor: Rodovias

Carrego de aquisição: CDI + 2,37%

Duration: 5,6 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 2,6%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 370,6 mi

EBITDA Ajustado: R$ 173,9 mi

Dívida Líquida: R$ 2.485,1 mi

DL/EBITDA Anualizado: 7,15x

DADOS OPERACIONAIS

Fluxo: 20.284 mil pagantes

Tarifa média: R$ 10,65

Capex: R$ 177,8 mi

Comentário da Gestão

A Holding do Araguaia é uma subsidiária da Ecorodovias, e tem por objetivo explorar a concessão rodoviária de três trechos nas BRs-153, 080 e 414, nos estados do Tocantins e Goiás. A extensão total é de 850 km sob concessão. Sua atuação consiste na duplicação de vias, recuperação e manutenção do pavimento, além de obras e melhorias de segurança para as rodovias.

Fontes: Ecorodovias | Elaboração: Suno Asset

NORTE ENERGIA

DADOS: 2T25



Ticker: NTEN11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 2,19%

Duration: 2,3 anos

Rating: A (Fitch)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 5,73 bi

EBITDA: R$ 2,75 bi

Dívida Líquida: R$ 27,8 bi

DL/EBITDA Anualizado: 10,1x

DADOS OPERACIONAIS

Garantia Física: 4.571 MW

Energia Gerada: 2.659 GWm

Energia Contratada: 80% via PPA

Fim da Concessão: 2045

Comentário da Gestão

A Norte Energia é a operadora privada que detém a concessão da Usina Hidrelétrica Belo Monte, a 5ª maior hidrelétrica do mundo e a maior 100% nacional. A usina tem capacidade instalada de 11.233,1 MW e Garantia Física Total de 4.571 MWm, podendo atender a demanda de 60 milhões de brasileiros, sendo responsável por gerar até 10% da energia brasileira.

Fontes: Norte Energia S.A. | Elaboração: Suno Asset

ROTA DOS GRÃOS

DADOS: 2024



Ticker: RGRA11

Setor: Rodovias

Carrego de aquisição: CDI + 2,63%

Duration: 7,1 anos

Rating: A+ (Moody's)

Exposição: 5,2%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 45,7 mi

EBITDA: R$ 15,5 mi

Dívida Líquida: R$ 81 mi

DL/EBITDA Anualizado: 5,2x

Trecho sob concessão: 140,6 km

Tarifa: R$ 10,4

Capex: R$19,32 mi

Comentário da Gestão

A Rota dos Grãos é a concessionária que opera o trecho de 140,6 km da rodovia entre Primavera do Leste e Paranatinga, no estado de Mato Grosso. A via é uma importante rota de escoamento da produção agropecuária do estado. Com operação e pedagiamento iniciados em 2022, a atuação da concessão consiste na duplicação de vias, recuperação e manutenção do pavimento, além de obras e melhorias de segurança para a rodovia.

Fontes: Rota dos Grãos | Elaboração: Suno Asset

UTE GNA I

DADOS: 2T25



Ticker: UNEG11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 2,83%

Duration: 7 anos

Rating: A (S&P)

Exposição: 4,7%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 287,8 mi

EBITDA: R$ 146,7 mi

Disponibilidade da usina: 97%

DADOS OPERACIONAIS

Capacidade Instalada: 1.3 GW

Energia Gerada: 357 GW med

Fim do PPA: 2044

Comentário da Gestão

A UTE GNA I é uma usina termelétrica localizada no município de São João da Barra, no Rio de Janeiro. É composta por três turbinas a gás e uma turbina a vapor que, juntas, são responsáveis por gerar 1,3 GW em ciclo combinado. A GNA é uma joint venture entre a Prumo Logística, bp, Siemens e SPIC Brasil, dedicada ao desenvolvimento, implantação e operação de projetos sustentáveis de energia e gás no país.

Fontes: GNA | Elaboração: Suno Asset

SUNO (ASSET)

SNID11

CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO

SNAG11 — Primeiro Fiagro-Híbrido da bolsa brasileira, lançado ao mercado em agosto de 2022. Investe em terras logísticas voltadas ao agronegócio e ativos de crédito para o setor.

SNFF11 — Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.

SNCI11 — Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.

SNEL11 — Primeiro FII de Energias Limpas da bolsa brasileira. Atualmente está em período de *lock-up* de cotas. A previsão da liberação de negociação é para dezembro de 2023.

SNLG11 — Fundo Imobiliário de Tijolo que está em processo de reestruturação. Em seu portfólio há imóveis alugados para empresas como Ambev, Ceratti, Itambé e Volkswagen.

SUNO FIC FIA — Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.

SUNO PREV — Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ações.

SUNO GLOBAL EQUITIES — Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nas bolsas dos EUA. Investe nas maiores empresas do mundo.

SNME11 — FII Multiestratégia da Suno Asset. Fundo com locação multidimensional, o que elimina o esforço do cotista. Uma forma de buscar a simplificação máxima da estratégia imobiliária.

LIVE MENSAL

Acesse o formulário e envie suas dúvidas a respeito do nosso fundo para serem respondidas em *lives* mensais no canal da Suno Asset no Youtube.

Enviar dúvidas

Não deixe de nos acompanhar nas redes sociais!

SNID11

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

Aviso/Disclaimer:

"Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, consequentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability)."